

JÁN HAVLÍK

A força do desejo



Publicado pela Província Brasileira da Congregação da Missão (Missionários Vicentinos), em fevereiro de 2026.

Texto

Pe. Vinícius Augusto Teixeira, CM

Imagens

Domínio Público

Diagramação

Sacha Leite

Província Brasileira da Congregação da Missão

Cosme Velho, nº 241 | Alm. Barroso nº 91 Rio de Janeiro

www.pbcm.org.br | pbcm@pbcm.org.br

@lazaristasbrasil | @savv.pbcm

(21) 3826-1431 | 99632-4962

SUMÁRIO

Introdução: pág. 4

I – Os primeiros passos: pág. 5

II – A vocação missionária, no caminho de S. Vicente: pág. 8

III – A convicta clandestinidade: pág. 14

IV - A prisão e a primeira condenação: pág. 22

V - Condenado por causa de sua fé: pág. 30

VI - Volta ao convívio familiar: o diamante lapidado: pág. 40

VII - O *dies natalis* de um discípulo amado: pág. 49

Conclusão: o homem de desejos: pág. 55

Para refletir e compartilhar: pág. 63

Introdução

Eis que a Congregação da Missão e a Família Vicentina veem ainda mais enriquecido o panorama de seus modelos de santidade oficialmente reconhecidos pela Igreja. No dia 31 de agosto de 2024, celebramos com júbilo a beatificação do seminarista eslovaco Ján Havlík (1928-1965), cuja morte prematura se deve às desumanas sevícias que lhe foram impostas pelo regime comunista que grassava em sua terra. Tal regime, de caráter ditatorial e totalitário, caracterizava-se por sua acentuada oposição à fé cristã e por uma inapelável restrição à liberdade religiosa. Daí provinha a feroz perseguição deflagrada contra aqueles que – em razão da lucidez e da coerência e sustentados pela fé professada e por sua pertença à Igreja – não se mostravam coniventes com aquela ideologia e com seus procedimentos arbitrários. Vejamos, então, quem foi Ján Havlík e por que a Igreja o reconhece e propõe como mártir.

1. Os primeiros passos

Ján nasceu a 12 de fevereiro de 1928, na cidade de Vlčkovany (na então Checoslováquia), hoje Dubovce (Eslováquia), no seio de uma família trabalhadora e de condições modestas. Recebe o Batismo dois dias após seu nascimento. Será o primogênito de quatro irmãos. Sua mãe, Justina, era enfermeira obstetra e seu pai, Karol, empregado de uma estatal. Como os salários eram módicos e os recursos escassos, ambos completavam a renda com o trabalho agrícola. Com efeito, aqueles eram tempos particularmente difíceis, marcados pelas consequências da Segunda Guerra Mundial e pela instauração do regime comunista no país. Tal regime, sob o influxo do modelo soviético, durará por várias décadas naquelas terras, até o ano de 1989.

No calor do lar, vivendo com muita sobriedade, Ján encontrará um ambiente

favorável ao seu desenvolvimento e receberá uma sólida formação moral e religiosa. A família se reunia para rezar o rosário e frequentava a Missa dominical na paróquia. De acordo com o testemunho da mãe, a Primeira Comunhão deixou no pequeno Havlík uma recordação indelével, com profunda repercussão em sua vida, como apelo a estreitar sempre mais a amizade com Jesus Cristo.

De personalidade forte, desde cedo Ján se destacará por seu bom desempenho escolar, por sua sociabilidade e por seu espírito de liderança. Os estudos elementares se deram na mesma localidade de seu nascimento. A partir de 1939, passou a frequentar a escola na cidade de Holíč, percorrendo cada dia 16 km, 8 para ir e 8 para voltar. Os estudos secundários tiveram lugar em uma cidade ainda mais distante, Skalica, a 18 Km, percurso que o jovem Havlík fazia a pé ou de bicicleta. Vê-se que seu vigor juvenil lhe servia de auxílio para levar em frente o desejo de sedimentar sua formação. De fato, os estudos de Ján prosseguiram exitosos, porque conduzidos com seriedade e dedicação.

São Vicente de Paulo, o fundador da Congregação a que Ján Havlík se vinculará, recordava a seus seminaristas que os estudos, ao mesmo tempo em que nos instruem, devem também impulsionar nosso desejo de ser mais e melhores, segundo a vontade de Deus: *“Se, cada*

vez que esclarecêssemos nossa inteligência, nos esforçássemos por inflamar nossa vontade, poderíamos ficar certos de que o estudo nos serviria de meio para irmos a Deus” (SV XI, 29)¹. É o que vemos delinear-se na trajetória de Havlík.

¹ Todas as citações de São Vicente de Paulo foram extraídas da edição brasileira de suas *Obras Completas*, com exceção das que foram extraídas do tomo IX, que ainda não se encontra publicado. Neste caso, servimo-nos da edição original francesa.

2. A vocação missionária, no caminho de São Vicente

Em 1943, orientado por uma tia paterna, Irmã Modesta Havlíková, Filha da Caridade, Ján Havlík ingressa na Escola Apostólica da Congregação da Missão, na cidade de Banská Bystrica. Contudo, no ano seguinte, devido aos efeitos da Segunda Guerra Mundial, por razão de segurança, os superiores decidem devolver os jovens às suas casas. Ján e outros seminaristas continuarão seus estudos em um colégio diocesano de Trnava. O ano de 1949 será decisivo: concluída a primeira etapa formativa, Ján foi admitido, juntamente com cinco companheiros, na referida Congregação e, assim, pode dar início ao Seminário Interno. Este, em um primeiro momento, funcionava em Ladce e, meses depois, passou a ocupar a antiga sede da Escola Apostólica de Banská Bystrica.

O Seminário Interno foi o tempo forte da formação de Havlík. Naquele ambiente sereno e

fervoroso, marcado pelo recolhimento orante, pela convivência fraterna e por intensos estudos relacionados ao legado de São Vicente de Paulo e ao espírito da Congregação por ele fundada, germina e desabrocha a semente da vocação missionária plantada pelo Senhor no coração de Ján Havlík. Ali, aprofunda-se a fé e ampliam-se os mais ardentes desejos daquele jovem íntegro e idealista. Consolida-se, também, sua disposição de entregar-se a Deus, configurando-se a Jesus Cristo em sua missão de evangelizar os pobres, dando-se por inteiro para o bem e a salvação de seus irmãos. No futuro, poderá, então, deixar registrado em seu diário: *“Não há maior dom do que o de entregar-se incondicionalmente a Deus”*. Veremos a força e a concretude que essa entrega terá em sua existência nos anos vindouros.

Ao rememorar o tempo do Seminário Interno e o dia em que emitiu os votos temporários, então em uso na Congregação, Ján declarou com emoção, de acordo com o registro colhido por um colega que se tornará seu biógrafo:

“As lembranças mais belas são as do Seminário Interno. Uma paz profunda. O barulho do mundo não passava pelas paredes do seminário. Vivia-se profundamente

o mistério da presença de Deus, crescia o entusiasmo dos irmãos dispostos a sacrificar-se. Os dias eram preenchidos até a borda com estudo e oração, cheiravam a felicidade. O dia mais luminoso de minha vida foi a solenidade silenciosa celebrada em nossa pequena capela quando fiz os votos. Não é fácil descrevê-lo. Só quem viveu o sabe. O homem não pertence mais a si mesmo, mas somente a Deus. Essa consciência dá uma força enorme”.

Com estas palavras brotadas de seu coração como de um riacho cristalino, Havlík nos oferece a mais clara indicação de seu caminho de santidade: pertencer somente a Deus para entregar-se à missão com liberdade interior e fortaleza de ânimo. Só uma fé viva e uma caridade expansiva, como frutos sazonados da graça acolhida, poderão lográ-lo. E, como a graça supõe a natureza e a aperfeiçoa sem cessar, Ján Havlík tratará de cultivar-se como pessoa para amadurecer como cristão e firmar-se em sua vocação de missionário vicentino.

Os testemunhos de seus companheiros convergem em uma mesma direção: o caráter

forte e a personalidade decidida de Ján não o impediam de ser cortês em seus modos, sereno e alegre na convivência diária e atencioso em suas relações. Era, além disso, um homem de fé profunda, uma fé cultivada na constância de sua oração e traduzida em suas atitudes. Revelava-se prestativo em face das necessidades que se lhe apresentavam e pontual no cumprimento das tarefas que lhe eram confiadas por seus superiores. Era apreciado por sua retidão e por sua solicitude em tudo o que dizia respeito à vida comunitária e apostólica, desde as responsabilidades mais corriqueiras até as mais exigentes, como podia ser a de acompanhar de perto os jovens recém-admitidos ao seminário. Um deles dirá a respeito daquele que foi designado como seu “anjo”, ou seja, o encarregado de orientar seus primeiros passos no processo formativo:

"Ján era muito gentil, sorridente, amigável e dava sempre bons conselhos. Durante a oração, concentrava-se muito (...). Tinha um grande desejo de tornar-se sacerdote e o demonstrava externamente em seu comportamento. Nunca o vi sem um sorriso".

Todo o empenho de Havlík era robustecido e animado por seu desejo de tornar-se aquilo que o Senhor o chamava a ser. Certa vez, sua irmã Maria mencionou o que lhe contou sua genitora sobre o ardor missionário que emoldurava a juventude de seu primogênito: *“Através de minha mãe, sei que, em seu tempo de noviciado, Ján queria tornar-se missionário e partir para a Rússia para ensinar o cristianismo aos filhos de Stalin”*. Também uma colega de escola fará referência aos anseios apostólicos do jovem Havlík: *“Seus colegas de então já sabiam que ele queria tornar-se padre e partir para o exterior como missionário”*.

Está claro: em seu desejo sincero de tornar-se missionário e sacerdote – revestido do espírito de Cristo, à luz do que aprendera na escola de São Vicente – naquele seu desejo dilatado pela fé, radicava-se, pois, a força motriz da fidelidade de Ján à vocação recebida, o alento de sua dedicação generosa ao trabalho e a alegria profunda que reluzia em seu sorriso. E tudo isso se tornará ainda mais palpável em meio à dura prova que terá que enfrentar, mantendo sempre acesa a chama de seus mais puros e belos desejos, com a serenidade de quem crê e a bravura de quem ama. Vem espontaneamente à memória o que dizia o mesmo São Vicente de Paulo aos primeiros

membros de sua Congregação, percorrendo sobre a atuação expansiva do amor de Deus em uma pessoa que se deixa habitar e impulsionar por ele:

“É certo que a caridade, quando habita numa alma, ocupa inteiramente todas as suas potências: não há lugar para repouso. É um fogo que age sem cessar, mantém sempre em seu fôlego, sempre em ação, uma pessoa que foi por ele uma vez abrasada” (SV XI, 221).

3. A convicta clandestinidade

O cálido cotidiano de Ján Havlík e seus companheiros estava com os dias contados. A hostilidade comunista em relação à Igreja recrudesceu sempre mais. Neste contexto, as portas do Seminário Interno foram fechadas e suas atividades foram interrompidas bruscamente. Era o ano de 1950. De fato, as disposições do regime redundavam em um controle sempre mais amplo, rígido e invasivo das instituições religiosas e de seus membros. Como instrumento ideológico, estabeleceu-se um salário de gratificação para os clérigos que, prescindindo da liberdade de consciência e relativizando sua lealdade para com a Igreja, aceitavam prestar um juramento de fidelidade ao estado. Para os padres refratários, tornava-se cada vez mais difícil desenvolver qualquer iniciativa pastoral, inclusive celebrar os

sacramentos, sob ameaça de reclusão e de outras penas.

A Igreja, que durante séculos tanto havia contribuído para o desenvolvimento da nação, passou a ser considerada *persona non grata* e inimiga da pátria. Com efeito, neste contexto de tensão e repressão, entrou em execução uma brutal operação que visava extirpar as Ordens e Congregações do território eslovaco. Entre os anos 1948 e 1950, todas as instituições educativas pertencentes ou confiadas à Igreja e às Congregações foram nacionalizadas, o que incluía a desapropriação de seus edifícios e a exoneração sumária de seus responsáveis e colaboradores. O mesmo se deu em relação aos mosteiros, conventos, seminários, casas de formação etc. E não foi diferente para as Filhas da Caridade e os Padres da Missão, que tiveram todas as suas obras educativas liquidadas, desde os orfanatos e escolas até os seminários. Em sucessivas investidas, bispos, padres, religiosas, seminaristas foram presos, torturados e condenados. Dioceses e Congregações tiveram seus bens confiscados, suas bibliotecas e arquivos incendiados e seus imóveis e terrenos desapropriados. O cenário era deveras desolador e sem a menor possibilidade de recurso ou intervenção.

Desse modo, na noite entre 13 e 14 de abril de 1950, foram invadidas 56 comunidades de 6 diferentes Ordens ou Congregações masculinas e seus componentes foram deportados para os campos de concentração mantidos pelo regime. Uma operação semelhante teve lugar no coração da noite entre 3 e 4 de maio do mesmo ano. Outros 1.180 presbíteros, seminaristas e leigos engrossaram as fileiras dos condenados aos campos de concentração. Nesta segunda investida, foi atingida também a Escola Apostólica de Banská Bystrica, onde se encontrava Ján Havlík. Os soldados irromperam violentamente nos quartos dos formadores e dos formandos, intimando todos a recolherem o mínimo necessário e a reunir-se do lado de fora, onde os esperavam os ônibus da polícia que os levariam ao nefasto destino: o chamado *campo de reeducação* (na verdade, de doutrinação político-ideológico), localizado em Kostolná. Duas semanas depois, com exceção dos mais velhos, todos foram conduzidos ao canteiro de trabalhos forçados de Puchov, em função da construção de uma represa. Depois disso, Ján ainda esteve empregado em uma estatal, em Nitra. Ele mesmo relata seu périplo, respondendo ao interrogatório ao qual foi submetido a 18 de fevereiro de 1952:

“A partir de 1944, continuei meus estudos em Banská Bystrica, na Escola Apostólica, onde permaneci até 5 de maio de 1950, quando essa instituição foi supressa. Depois disso, trabalhei no canteiro da represa da juventude em Puchov até 10 de agosto de 1950, indo depois para Nitra, onde estive empregado até 15 de outubro de 1950, e, em seguida, fui para a empresa estatal Sitno, onde trabalhei por apenas cinco meses, ou seja, até 13 de maio de 1951”.

A ideologia comunista, marcadamente ateia e materialista, não tinha nenhuma penetração na consciência de Ján Havlík, cuja maturidade cristã já se mostrava firmemente consolidada. O mesmo pode ser dito de muitos de seus companheiros de seminário que ali se achavam, bem como de outros cristãos, homens e mulheres, submetidos às mesmas condições. Em uma ocasião, precisamente no dia de São Pedro e São Paulo, todos decidiram que participariam da Santa Missa. E assim o fizeram, embora sob atenta vigilância, a despeito dos riscos que corriam.

No final de 1950, Ján e quatro de seus coirmãos tomaram a resolução de continuar os estudos. Contudo, só podiam fazê-lo de forma privada e clandestina. Mais uma vez, prevaleceu o desejo de prosseguir na marcha da vocação missionária, rumo ao ministério ordenado. E tal desejo armou de coragem aqueles jovens seminaristas que, com a anuência e a orientação cautelosa dos superiores, deram início à sua formação teológica. A principal referência dos estudantes era Padre Štefan Krištín, CM, que fazia as vezes de superior e ecônomo do seminário velado. No já citado interrogatório de fevereiro de 1952, Havlík dá notícia de seu audacioso empenho e de seu protagonismo em tal iniciativa:

“Ao final de um período de três meses de trabalho no canteiro, manifestei minha intenção de adotar uma posição contrária ao Estado e também a vontade de ir a Nitra para estudar, ainda que clandestinamente, com meu irmão Anton (...). Também convenci os outros irmãos noviços dessa ideia”.

O esforço de Ján Havlík não se detém aí. Trata também de providenciar o material necessário ao aprofundamento dos estudos,

recolhendo livros nos seminários interditados, compartilhando apontamentos e transcrevendo textos de autores renomados (consta que, em algum momento, deu início à tradução do *Humanisme Intégral*, de J. Maritain). Todo esse sacrifício teria sido evitado se Ján e seus companheiros tivessem aderido sem questionamento a uma espécie de seminário estatal, autorizado pelo governo e criado como estrutura paralela à revelia da autoridade pontifícia. Os gestores e professores desse centro eram padres coniventes com o regime, cuja pretensão consistia em criar uma Igreja nacional independente da Santa Sé. Tal seminário foi chamado *Faculdade de Teologia Cirilo-Methodiana* e se localizava na cidade de Bratislava.

Através de instituições como esta, difundia-se a falsa ideia de que o Estado não reprimia a prática religiosa nem perseguia seus adeptos, a não ser que estes contrariassem deliberadamente as disposições do governo. A Havlík, porém, este não parecia ser o procedimento coerente nem o comportamento adequado a um filho da Igreja, nem muito menos a um membro de uma Congregação com uma longa e abalizada tradição formativa. Ele o dirá expressamente:

“Fiz isso porque considerava a Faculdade Cirilo-metodiana inválida, pois não fora criada por Roma. Por isso, não me uni a essa escola. Depois da dissolução de nossa Congregação, decidi estudar ilegalmente, considerando que uma sólida formação fazia parte das competências dos Lazaristas”.

Em outra ocasião, deixará ainda mais clara sua motivação:

“Queria tornar-me sacerdote na Congregação da Missão, inclusive nestas circunstâncias em que a Congregação fora dissolvida pelo Estado. Por isso, não reconheci a dissolução e, consciente e voluntariamente, não respeitei a ordem estatal, ou seja, não quis tornar-me um sacerdote progressista”.

Apesar das circunstâncias e dos enormes obstáculos encontrados, Ján demonstrava crescente interesse e visível entusiasmo pelos estudos, o que o tornava sempre mais impermeável às imposições ideológicas do regime vigente. Parecia levar impressa na alma aquela admoestação do profeta: *“Ai dos que ao*

mal chamam bem e ao bem mal, dos que transformam as trevas em luz e a luz em trevas, dos que mudam o amargo em doce e o doce em amargo!” (Is 5,20). Em tudo, seguia o que lhe ditava sua consciência iluminada pela fé e orientada para o que lhe parecia justo e necessário, verdadeiro e bom, segundo a vontade de Deus. E é precisamente esta integridade humana, esta retidão de consciência, esta coerência de vida o que coroa e enobrece o testemunho deste humilde e corajoso seminarista vicentino. Tinha internalizado o sentido das palavras dirigidas por São Vicente a um de seus Missionários de outrora:

“Ser fiel a Deus, sem jamais faltar a seus interesses e nunca trair a própria consciência, por consideração alguma, mas ter cuidadosa atenção em não estragar os negócios do bom Deus, ao querer precipitá-los demais; estar atento à ocasião propícia e saber esperá-la” (SV III, 344).

4. A prisão e a primeira condenação

Considerada ilegal e nociva pelas autoridades, a formação clandestina de Ján Havlík e de seus companheiros rendeu-lhes um imediato encarceramento. Isso se deu no dia 29 de outubro de 1951, devido à denúncia feita por um jovem ligado ao partido comunista que apresentara como suspeita a movimentação daqueles rapazes em uma casa de Nitra. Naquela atmosfera de usurpação do poder, obsessão ideológica e cerceamento da liberdade, os jovens eram particularmente visados em razão de suas potencialidades favoráveis ou desfavoráveis ao governo, isto é, da adesão ou da subversão de cada um deles em relação ao regime comunista.

Nos sucessivos campos de trabalhos forçados e prisões aos quais Havlík e seus companheiros serão conduzidos, multiplicar-se-ão humilhações e vexames a não mais poder. Os

prisioneiros eram alvo de um tratamento vil, feito de punições físicas e torturas psicológicas. Não se declarava expressamente a motivação para essa ignomínia. Contudo, era evidente que estava diretamente ligada à oposição do regime à fé professada e à pertença à Igreja. De fato, a condição cristã impelia a um evidente desacordo com um sistema político-ideológico marcadamente ateu, materialista e corrupto, inibidor da liberdade civil e religiosa, ainda que camuflado por estratégias e discursos que pareciam tender em outra direção. Um colega de Ján Havlík descreve pormenorizadamente o cotidiano na prisão e os suplícios impostos aos prisioneiros, permanentemente expostos à fome e ao frio:

“Já mencionei que os detentos eram obrigados a marchar o dia todo; à noite, a luz estava sempre acesa; as mãos tinham de ser apoiadas sobre o cobertor; os prisioneiros eram acordados a qualquer hora da noite para interrogatórios, que muitas vezes duravam até de manhã. Não era permitido dormir durante o dia. Noites insones, jornadas de caminhada, comida escassa e baixas temperaturas eram fatores que dificilmente se podia suportar.

Estou convencido de que esses suplícios nos foram infligidos pelos perseguidores para expressar seu ódio pela religião católica que professávamos. Seu objetivo era quebrar-nos e fazer-nos abandonar a fé católica (...). Durante o dia, faziam-nos marchar em círculos com as mãos nas costas; à noite, interrogavam-nos; dormíamos sob um holofote que estava sempre aceso; tínhamos de ficar com as mãos sobre o cobertor o tempo todo em que dormíamos. A punição era a chamada 'correção', ou seja, o isolamento em um quarto escuro com reduzidas porções de comida. Chegavam a enfiar alfinetes sob as unhas de alguns; durante os interrogatórios, havia aqueles que eram golpeados com força nas costelas; jogaram a máquina de escrever em um deles. Quando queriam maltratar alguém, chegavam até nove deles e cada um fazia perguntas com o objetivo de repreender, aniquilar e humilhar o interrogado. Em nível psicológico, era difícil suportar tudo isso. Para aqueles que sabiam que eram

inocentes, era psicologicamente duro suportar o estresse das muitas perguntas dos inspetores que visavam romper a paz interior e a sensação de segurança. Os inspetores queriam a todo custo provar que os interrogados eram culpados de alguma coisa. Outro fator muito negativo era a fome”.

De tudo o que se depreende de um depoimento como este, fica claro que, quando o nome de Deus é riscado do horizonte, a compreensão da dignidade humana e da sacralidade da vida se estreita até esfumar-se, abrindo passo à instrumentalização da pessoa e à violação de seus direitos mais elementares.

Devido ao seu protagonismo nos encaminhamentos relativos ao seminário clandestino de Nitra, Ján Havlík foi considerado um lídimo traidor do regime, um fanático inclusive. Quando tinha ocasião de fazê-lo, Ján assumia toda a responsabilidade com o intuito de escusar seus formadores e colegas, especialmente o padre diretor que havia apoiado a iniciativa dos jovens seminaristas e aceitado acompanhá-los e instruí-los em seus estudos. Revelando extraordinária maturidade humana, vigorosa convicção de fé e indescritível fortaleza de ânimo, Havlík deixava transparecer sua

vocação ao martírio. Com efeito, consta que, escrevendo, certa vez, a sua mãe, teria declarado: *“Professei minha fé diante de todos, fui torturado e agora devo morrer por ela”*. Um de seus companheiros conclui com estas palavras o testemunho a respeito da serenidade e da firmeza de Ján ante seus inquiridores: *“Ele estava ali de pé, com um ar nobre. Belíssimo!”*. De pé, consciente de sua inocência, conservando sua dignidade; com a *nobreza* dos homens íntegros e retos; *belo* como quem se mantém coerente e transparente por não ter de que se envergonhar ou retratar.

Em março de 1953, considerado, uma vez mais, um grande traidor do regime estatal e condenado sumariamente a 14 anos de prisão e a outras sanções (uma multa pecuniária, expropriação de seus bens e perda da cidadania por 10 anos), Havlík foi conduzido, juntamente com alguns companheiros, a outro campo de trabalhos forçados, precisamente em Ostrov, a 140 km de Praga. Passará, sucessivamente, por outros campos semelhantes, exposto ao mesmo clima de terror e submetido a pressões, privações e agressões. As condições desumanas a que era submetido desde o início do encarceramento debilitavam sem trégua a saúde física e psicológica de Ján, como conta uma testemunha ocular:

“Estava muito pálido, cansado, exausto de fome e das agressões que sofreu durante os interrogatórios. Desde então, suas condições de saúde não eram boas. No entanto, tinha que trabalhar, a menos que houvesse uma geada que o impedisse ou tivesse feridas abertas visíveis. Ferimentos menos graves não eram motivo para a dispensa do trabalho”.

Em meio a tantas atrocidades, golpeado pelas humilhações e enfraquecido pelos maus-tratos, mergulhado certamente em angústias conhecidas só por Deus, a conduta de Ján era como um luzeiro que brilhava em meio a uma noite densa e fria, iluminando e aquecendo, reacendendo a fé e a esperança em seus companheiros. A chama inextinguível da caridade que ardia em nosso jovem irmão era a mesma que iluminava os outros. Com efeito, um dos prisioneiros, testemunhou a respeito de Havlík:

“Como todos nós que vivemos e amargamos aquele ambiente, acredito que ele também experimentou algumas dúvidas e desilusões, mas nunca deixou transparecer nada. Pelo contrário, procurava ser amigo de todos,

encorajava os outros, ajudava com sua presença, compreensão, esperança, tudo o que obviamente provinha de sua fé. Portanto, foi uma testemunha de fé e soube também transmitir a fé aos outros”.

No dia 13 de março de 1953, um advogado apresentou um recurso contra a sentença que condenava Ján Havlík e outros detentos, postulando uma reconsideração da gravidade do suposto crime que lhes era imputado. Em seu depoimento, Ján, que já se encontrava há duas semanas no campo de Ostrov, pôs em evidência o vínculo entre sua atividade e as disposições da Igreja emanadas da Santa Sé, evitando contraposições estridentes com seus acusadores, a fim de obter o que desejava: a redução da pena e, em última instância, a liberdade. Com muitas ressalvas, no dia 11 de junho de 1953, a corte suprema de Praga terminou por mitigar a pena de Havlík, reduzindo-a de 14 a 10 anos. Antes, porém, no final do mês de abril do mesmo ano, mandam-no para outro campo de trabalhos corretivos, desta vez na localidade de Bytíz (Příbram), onde passará 5 anos. Ali, conta um companheiro, nutria sua fé participando diariamente da celebração eucarística, realizada às escondidas, graças à presença de sacerdotes prisioneiros. Sempre Jesus Eucarístico, sustentando com a força misteriosa de sua presença a fé e o amor de

seus seguidores! Com efeito, Ján deixará registrado em seu diário o que se pode considerar a rota de sua estrada de santidade:

"O mundo inteiro é como nada para mim, se eu não tiver a ti, Senhor, em meu coração. Se quisermos falar de um ponto estável, com certeza devemos falar de Cristo. Tudo o mais que gostaríamos de tocar ou apoiar é instável".

A serenidade e a coragem nascem ali onde se aninha o amor. Na simplicidade das palavras, mas sobretudo na oblação escondida e no veemente testemunho de Ján Havlík, reverbera aquela intuição fundamental que dilatava o coração e cadenciava os passos de São Vicente de Paulo, seu fundador, e que ele mesmo traduziu com estas palavras repletas de vitalidade evangélica:

"Haverá algo mais razoável do que dar nossas vidas por quem tão generosamente deu a sua por todos nós? Se Nosso Senhor nos ama a ponto de morrer por nós, por que não desejaríamos ter em nós a mesma disposição para com ele, prontos a pô-la em prática, se se apresentar a ocasião?" (SV XI, 381).

5. Condenado por causa de sua fé

No mencionado campo de Bytíz, Havlík recebe um encargo particularmente exaustivo e prejudicial: deveria descer ao mais fundo da mina de urânio, a fim de escavar trincheiras verticais e artérias horizontais. Mais uma vez, o *homo faber* daria a mão ao *homo patiens*. A escassa alimentação e o frio gélido, unidos ao esforço extenuante requerido por aquela atividade, agravavam sensivelmente a já débil saúde de Ján, particularmente no que se refere ao funcionamento de seu coração.

Os companheiros de prisão ressaltam que, apesar da precariedade das condições, Havlík não deixava passar nenhuma ocasião que lhe permitisse recolher-se em oração ou reunir-se com aqueles que desejavam fazer o mesmo.

Era o que ocorria, por exemplo, quando, ao cair da tarde, conseguiam rezar juntos o rosário em algum ângulo do alojamento. Na oração, encontrava o lenitivo de que precisava para prosseguir, contemplando os passos de Deus nos caminhos acidentados de sua trajetória e sentindo os toques de sua graça. Além disso, Ján não se furtava jamais a transmitir os valores da fé cristã e dirigir palavras de consolo e esperança a seus companheiros, especialmente aos que se achavam no limite da desolação e do desespero. Servem-lhe perfeitamente as palavras de Santa Teresa ao afirmar que as duras provas da vida requerem a fortaleza que nasce da amizade com o Senhor: *“En tiempos recios, amigos fuertes de Dios”*. Seu primeiro biógrafo, que foi seu colega de seminário e seu companheiro de cárcere, atribui a Havlík estas palavras de notável envergadura espiritual, reveladoras de seu profundo enraizamento em Deus, de quem recebia o alento e o vigor para avançar em sua travessia:

“Amigos, sem Deus não se pode viver. Vejam como o mundo é feio sem Deus, quanta injustiça, quanta violência e crueldade. Expulsaram-nos das Comunidades. A violência está aumentando, assim como os divórcios e as traições. Devemos fazer algo. Deus é visível em nós. Ele que dá o verão e o inverno, a saúde

e a doença, a prisão e a liberdade, a vida e a morte. Mas, no final, vencerão a luz, a vida e a liberdade”.

O trabalho desumano e esgotante na mina continuava “minando” a saúde de Ján Havlík, a ponto de deixar-lhe sequelas cada vez mais extensas e irreversíveis. Tal vulnerabilidade foi constatada em distintas consultas médicas. Os desmaios durante a atividade eram recorrentes. Contudo, nada disso bastava para sensibilizar os guardas e regentes do campo de trabalho. Ao contrário, os desfalecimentos repentinos de Ján eram punidos com o isolamento em uma cela insalubre, cujas condições contribuíam para deteriorá-lo ainda mais, como demonstrava seu físico sempre mais esquelético e sua aparência lânguida. A partir de 1954, os diagnósticos aparecem cada vez mais contundentes, particularmente no tocante às patologias cardíacas e respiratórias. As internações hospitalares eram frequentes. Muitos de seus companheiros se compadeciam enormemente da situação de Havlík e, não raro, se dispunham a substituí-lo nos trabalhos mais pesados. E isso era o máximo que podiam fazer naquele ambiente de hostilidade.

A razão pela qual Ján Havlík continuava privado de liberdade e submetido a trabalhos forçados não era outra senão o fato de que sua

consciência cristã não lhe permitia aderir à ideologia comunista, nem compactuar com as disposições do sistema vigente, com tudo o que isso acarretava para sua nação. Inicialmente, o crime de que o acusavam era o de dar prosseguimento à sua formação presbiteral segundo as normas estabelecidas pela Igreja, o que denotava sua resistência ao regime. Intimado a novos interrogatórios, em 1958, foi acusado de conspiração política e de promover organizações clandestinas dentro dos campos pelos quais havia passado, favorecendo assim o movimento contrário ao governo. Acrescentam-lhe mais um ano de pena aos 10 que vinha cumprindo. Ján é, então, transferido para a prisão de Praga, onde passará quase todo o tempo em isolamento. Ali verá abalada inclusive sua saúde mental devido aos experimentos realizados por um médico e à inadequação das medicações subministradas pelos carcereiros. Livre destes procedimentos, superará a debilidade psicológica que o tinha acometido.

Na verdade, o que suscitava a desconfiança iracunda dos mandatários do regime era a irradiação do testemunho de Havlík, a força difusiva de sua autoridade moral e a influência espiritual que exercia sobre aqueles que se beneficiavam de seu exemplo, de seus conselhos e de sua palavra esclarecida, sobretudo por ocasião de algumas reuniões. Vale aqui o que, certa vez, afirmou São Vicente: “*Deus*

permite que algumas vezes as almas predestinadas sejam como o almíscar, que não pode estar em um lugar sem espalhar seu belo perfume” (SV IX-1, 193). Por mais discreto que procurasse ser, Havlík jamais deixava de comunicar o consolo e o fervor da fé cristã. E isso, por si só, já era considerado uma atividade subversiva.

Quando o jovem Ján iniciou seu percurso na Congregação da Missão, não tinha a menor noção de quais seriam os pobres concretos a quem iria evangelizar com palavras e obras, revestido do espírito de Cristo, como aprendera de São Vicente de Paulo. Com o correr do tempo, não demoraria a descobrir que os pobres a serem evangelizados e servidos eram seus companheiros de prisão, aos quais dedicou seus melhores esforços e pelos quais enfrentou os maiores perigos que já conhecera, convencido de poder realizar assim a missão que o Senhor lhe tinha conferido e as obras que a caridade lhe inspirava. A vocação vicentina de Ján o urgia a transmitir o Evangelho com a verdade de sua vida, qual humilde samaritano movido pela misericórdia (cf. Lc 10,25-37). A exortação de São Vicente parece talhada à medida deste jovem, ao referir-se aos Missionários *“que perseveraram corajosamente [em sua vocação], em meio a tantos perigos e sofrimentos, por causa da misericórdia!”*. E concluía: *“Oh, como são felizes por empregar tão bem este curto espaço de*

tempo de nossa vida, praticando a misericórdia!" (SV XI, 350). Em seu diário, Ján Havlík escreveu:

"Não é tarefa dos missionários ajudar aqueles que foram levados para os escombros da sociedade? Se recebemos de 10 a 15 anos de prisão, não podemos falar sobre o provisório e pensar: estudarei depois, trabalharei depois para o Reino de Deus. Eles precisam disso agora, mesmo que estejam fracos. Todos os prisioneiros, desesperados, ignorantes, apáticos, assassinos e delinquentes precisam disso. Manifesta agora o que está dentro de ti, se estiveres levando a sério a missão com a qual sonhaste desde a juventude. Sinto-me, assim, como nas missões. Não poderia imaginar um campo de trabalho melhor e mais desafiador. Devemos fazer com que todos saibam que nosso amor é Cristo. A todos os milhares de prisioneiros em Jáchymov, Přebíram, Slavkov... É um programa para toda nossa vida. Colocar amor nos assuntos de estado, nas famílias, comunidades, escolas, escritórios... levar o amor em todas as nossas ações".

Devido ao seu quadro clínico, Ján Havlík já não podia empreender maiores esforços e trabalhos mais exigentes, motivo pelo qual foi enviado à prisão de Valdice, um antigo mosteiro barroco, onde se concentravam muitos religiosos refratários, tidos como inimigos da pátria. Chegou ali no dia 7 de maio de 1959. Suas condições eram cada vez mais comprometidas e irremediáveis. Nesta prisão, Ján conheceu muitos homens e mulheres de notável fibra humana e cristã, como o sacerdote salesiano Titus Zeman (1915-1969), atualmente beato (2017).

Uma vez mais, precisamente no dia 4 de março de 1960, Ján passa por outra avaliação. O comandante constata que, embora seu trabalho se mostrasse eficiente, seu posicionamento em relação ao regime continuava o mesmo. E isso apesar de tudo o que já tinha sofrido. Por essa razão, era frequentemente submetido a períodos de isolamento, de tal maneira que sua influência não se irradiasse entre seus companheiros. O relatório da avaliação concluiu:

"O prisioneiro Havlík não mudou sua atitude mesmo depois dessa ulterior sentença; após sua transferência para nosso NPT, ele continua a manifestar-se como um inimigo declarado de nosso sistema."

Frequenta prisioneiros de opiniões semelhantes e, portanto, deve ser isolado mesmo durante sua reclusão. Sua conduta laborativa e seu comportamento são adequados, assim como seu cumprimento da programação diária. A pena de reclusão, no entanto, não está surtindo o efeito esperado e o detento perturba gravemente a finalidade mesma da pena de reclusão".

Considerando o teor desse parecer, não será difícil imaginar o motivo pelo qual o tribunal de Bratislava, no dia 6 de julho de 1960, excluiu Ján Havlík da anistia concedida pelo presidente da república a alguns presos. Poucos dias depois, Ján apresentou um recurso contra tal decisão, fazendo ver que a pena que lhe foi imposta no ano anterior (um ano de reclusão) não podia ser comparada àquelas imputadas aos que haviam desenvolvido atividades subversivas e aos quais, porém, tinha sido concedida a supramencionada anistia. Meses depois, o recurso é negado de modo sumário, sob alegação de que não se podia notar nenhuma mudança significativa no comportamento de Havlík. Este, com efeito, continuava procedendo como um *"inimigo contumaz do sistema socialista"*. E conclui o relatório: *"Disso resulta que, embora não haja objeções em termos de conduta e*

moralidade profissional, o requerente infringe gravemente os esforços de reeducação, ou seja, a própria finalidade da pena”.

Transferido novamente para a prisão de Pankrác (Praga), em outubro de 1960, submete-se a outro juízo em vista de uma liberdade condicional. A decisão final foi outra recusa taxativa pelos mesmos motivos aduzidos acima:

"Mesmo após a sentença recebida, o condenado Havlík não mudou e ainda é contrário ao nosso sistema socialista. Tendo em vista a gravidade do crime cometido e o fato de que ele continua em atividades passíveis de crime, a liberdade condicional do condenado não é recomendada".

Outra tentativa, datada de 27 de março de 1961, será recusada em razão da persistência de Havlík em sua oposição ao ordenamento político, apesar de seu sacrificado desempenho laborativo. Enquanto isso, era perceptível o vertiginoso declínio físico e psicológico de Ján, agravado agora pelos dolorosos edemas em suas pernas e pela frequente expectoração de sangue. Com efeito, já em sua passagem pelo campo de Nitra, devido à dureza dos trabalhos, foi submetido a uma operação em seu joelho direito. Anos depois, em janeiro de 1955, um

acidente de trabalho provoca-lhe um dilaceramento dos ligamentos da clavícula, cuja convalescença se mostrará muito penosa. Tudo isso o incapacitava para o trabalho, como constataam os médicos que o atendem e avaliam.

A coerência e a firmeza de Ján Havlík no que concerne à sua opção fundamental por Cristo e ao seu posicionamento ético e religioso despertavam a antipatia e a resistência dos mandatários e funcionários do regime, motivo pelo qual não cediam a seus apelos de redução das penas e não lhe concediam nenhum benefício, em que pese a sensível gravidade de seu estado de saúde. Bem se lhe pode aplicar o que disse São Vicente a respeito da figura modelar de um jovem martirizado na Argélia, Pedro Borguny, por sua inviolável fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo:

“Eis como é um cristão, eis a coragem que devemos ter para sofrer e morrer por Jesus Cristo, quando for preciso. Peçaamos-lhe essa graça e supliquemos a esse santo jovem a peça para nós, ele que foi tão digno aluno de um tão corajoso Mestre, e que se tornou, no espaço de três horas, seu verdadeiro discípulo e perfeito imitador ao morrer por ele” (SV XI, 401).

6. Volta ao convívio familiar: o diamante lapidado

Cumprida a pena na prisão de Ilava, a 29 de outubro de 1962, Ján Havlík retoma enfim sua liberdade, depois de exatos 11 anos (29 de outubro de 1951) de reclusão e trabalhos forçados, submetido a um tratamento desumano e a duras privações, sem ter recebido qualquer trégua ou benefício. Ao longo desse tempo, viu escorrer seus anos sem ter o que fazer para abreviar a pena que lhe foi imputada, nem minorar o sofrimento que lhe comprimia a alma e arruinava o corpo. Apesar disso, a lavagem cerebral que lhe impuseram não logrou seu objetivo. Avesso à ideologia comunista, Ján não recalcitou em sua adesão a Cristo e em sua pertença à Igreja, não renunciou jamais à fé que o robustecia, nem ao desejo de perseverar em sua vocação. Sua oração diária se resume nestas palavras que deixou registradas em um diário: *“Senhor, aceito com amor minha cruz. Ajuda-me a carregá-la”*.

Podia agora voltar ao seio de sua família. Contudo, a degradação de seu estado de saúde e a precariedade de suas condições físicas continuariam causando-lhe severas restrições e um doloroso desconforto. Com efeito, grandes foram as consequências de tudo o que sofreu. Antes da detenção, Ján era um jovem saudável e ativo, não sofria de doenças crônicas, não apresentava problemas cardíacos nem respiratórios, demonstrava perfeito estado de saúde mental, praticava esportes e era muito laborioso. Particularmente significativo é o relatório final da médica que se ocupou da análise minuciosa de toda a documentação a respeito da evolução do quadro clínico de Havlík:

“Depois de ter estudado os documentos e de ter examinado a vida e a morte de Ján Havlík do ponto de vista médico, confirmamos uma relação direta entre sua doença do coração e tudo o que sofreu no cárcere. Ján Havlík morreu aos 37 anos de uma grave doença cardíaca que se desenvolveu como consequência dos sofrimentos infligidos no cárcere e das duras condições de aprisionamento. Por causa de uma contínua sobrecarga

e sem os cuidados necessários, a doença cardíaca progrediu de modo muito rápido até alcançar uma insuficiência circulatória crônica. Apesar do estágio avançado da doença, foi posto em liberdade só depois do fim de toda a pena, com uma grave doença cardíaca crônica, sem esperança de cura. Seu coração já estava danificado irremediavelmente e a operação, que em um estágio precedente da doença teria mudado seu decurso, não era mais possível. Apesar da ajuda dos parentes e a mudança no tratamento, a doença contraída na prisão piorou continuamente até levar a uma morte antes do tempo”.

Segundo o depoimento de sua mãe, no dia em que deixou a prisão, Ján sequer podia caminhar sozinho. Com efeito, só com imenso sacrifício conseguiu chegar à estação onde deveria tomar o trem que o levaria à sua terra. Os relatórios médicos detalham as sequelas daqueles anos penosos, sobretudo no que diz respeito ao funcionamento do coração, do fígado e do estômago. Problemas respiratórios e intestinais não lhe eram raros. E as dores atrozes

que se estendiam por todo o corpo eram seu pão de cada dia. Tudo isso o incapacitava para o trabalho e o obrigava a periódicas internações hospitalares. As repercussões psicológicas não logravam turvar a lucidez de Havlík, nem roubar-lhe a liberdade interior.

Apesar de sua delicada e dolorosa situação, Ján não dava vazão aos lamentos, preferindo repelir a amargura das mágoas, evitando queixar-se de suas mazelas e guardando silêncio a respeito do que tinha vivido e padecido nos longos anos de encarceramento. Chamava a atenção sua serenidade em meio ao sofrimento, bem como sua gentileza e generosidade no trato com as pessoas. Com efeito, mostrava-se sempre muito agradecido por tudo o que recebia de quem se ocupava de ajudá-lo. Não obstante a exiguidade de suas forças, procurava sempre fazer algo por sua família e pelos demais. Prestava pequenos serviços domésticos, dava catequese a crianças em sua casa, dedicava-se à leitura e à tradução de textos de filosofia e teologia. Mas não podia ir muito longe naquilo que se dispunha a fazer. Faltava-lhe energia. Restava-lhe ainda outra forma de castigo, imposta pelo regime aos ditos inimigos da pátria: a perda da cidadania não lhe permitia encontrar um trabalho estável e

reduzia a pensão por invalidez a um valor mais que irrisório.

De qualquer modo, os últimos três anos de vida de Ján Havlík junto aos seus serão caracterizados pelo esplendor de suas virtudes: sua inarredável confiança no Deus que o havia chamado e que o sustentava com sua providência; o amor oblato que se exprimia em suas atitudes, gestos e palavras; a esperança que não o deixava naufragar no desespero e mantinha seu olhar fixo no porto da eternidade; etc. A propósito, o conceito de esperança formulado por Dom Tonino Bello emoldura perfeitamente o perfil de Havlík: *“Esperança é a atitude de quem, enquanto se adensam as tribulações em suas costas, não deixa apagar-se o canto em seus lábios”* (*Con Cristo, sulle strade del mondo*, p. 115).

A pessoa se aquilata na prática das virtudes, particularmente quando se vê acossada pelas adversidades que lhe sobrevêm. Pelo que se pode inferir da correspondência mantida com sua tia Filha da Caridade, a mesma que o tinha ajudado em seu discernimento vocacional, Ján conservava um estado de ânimo equilibrado e uma singular fortaleza interior. Sentia-se feliz por estar em liberdade e de volta à sua casa e se entregava sem reservas nas mãos do Senhor:

“Graças a Deus, estou em casa. Mas por quanto tempo? A pergunta não tem resposta por enquanto. Talvez por muito tempo, talvez apenas por alguns dias. Será como Deus quiser. Não quero alardear minha saúde, pois ela depende do Altíssimo e não de mim. No entanto, subjetivamente, meu estado de saúde melhorou. E isso é suficiente. Não é preciso investigar quais são os planos da Providência, mas sim orar, não pela saúde, mas para que seja feita sua vontade. Que o fiat e o magnificat ressoem em nossos lábios todos os dias”.

As palavras de Havlík, assim como o itinerário de toda a sua vida, encontram uma paráfrase no conteúdo de uma belíssima canção italiana, que arriscamos traduzir assim:

“Não tenho nada nas mãos, mas espero que me acolherás, Senhor. Peço só para ficar ao teu lado. Sou rico apenas do amor que tu me dás e este é para aqueles que não o têm. Se me acolhes, meu Senhor, nada mais te pedirei. E teu caminho será para sempre meu caminho. Na

alegria, na dor, até quando tu quiseres, com a mão na tua mão caminharei. Eu te peço de todo coração, sei que tu me escutarás: torna forte minha fé mais do que nunca. Mantém acesa minha luz até o dia que tu sabes: com meus irmãos, irei ao teu encontro”.

Na realidade, embora confortado pelos desvelos de sua família, o quadro de Ján prosseguia delicado e penoso. Obrigava-o a estar frequentemente preso ao leito, ainda que, de vez em quando, se estirasse debaixo de um arbusto no jardim de sua casa. Entretanto, não queria causar preocupação aos seus, motivo pelo qual tratava de tranquilizá-los o máximo possível, preferindo carpir em silêncio suas moléstias, como demonstra esta carta dirigida à sua tia:

“Estou calmo e em paz, mesmo que o fim esteja chegando. Já estive duas vezes no leito de morte. Por que estou falando sobre isso? Para que a senhora esteja feliz e não se preocupe tanto em vir me visitar. Quando eu estiver melhor, irei visitá-la pessoalmente”.

Fica patente que nem mesmo o avizinhar-se do desenlace final de Havlík podia roubar-lhe

a paz e a alegria de viver. De fato, enquanto o homem exterior se esvaía, o homem interior se mostrava sempre mais fortalecido. Já n bem podia dizer como o apóstolo Paulo:

“Não nos deixamos abater. Pelo contrário, embora em nós o homem exterior vá caminhando para sua ruína, o homem interior se renova dia a dia. Pois nossas tribulações são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso” (2Cor 4,16-17).

Com efeito, o *fiat* e o *magnificat* que transbordavam de seus lábios traduziam as atitudes fundamentais que ritmavam seus passos cansados: a confiança no amor do Senhor, a gratidão pelos benefícios recebidos e a entrega total de si, segundo o exemplo da humilde Virgem de Nazaré, a Mãe do Senhor. As duas palavras voltam a aparecer em uma carta datada de 9 de julho de 1964: *“O 'fiat' e o 'magnificat' diários são o meu lema no sofrimento! Com a ajuda de Deus, pode-se fazer mais do que o homem possa imaginar”.*

Nas palavras que São Vicente dirigiu a um jovem padre, descrevendo a vocação missionária, pode-se descobrir um retrato do homem virtuoso que foi Ján Havlík e do projeto

de vida que ele desejou ardentemente ver consolidado em sua existência:

“Uma vocação tão grande e tão adorável como a dos maiores apóstolos e a dos maiores santos da Igreja de Deus. Desígnios eternos realizados no tempo sobre vós! Só a humildade, Padre, é capaz de comportar esta graça. Ela deve ser seguida do perfeito abandono de tudo o que sois e podeis ser, na exuberante confiança em vosso soberano Criador. Generosidade e magnânima coragem vos são necessárias. Precisais também de uma fé tão grande como a de Abraão. Tereis grande necessidade da caridade de São Paulo. O zelo, a paciência, a deferência, a pobreza, a solicitude, a discricção, a integridade de costumes e o grande desejo de vos consumir inteiramente por Deus vos serão tão convenientes quanto ao grande São Francisco Xavier” (SV III, 342-343).

7. O dies natalis de um discípulo amado

Chega o Natal de 1965. Havlík havia sido internado e retornara à sua casa justamente na véspera. Dispõe-se a ajudar a mãe nos preparativos. Na Noite Santa, antes da ceia, dirige a oração familiar e faz um pequeno discurso. Este, segundo o relato de sua mãe, constituiu-se em um convite a viver o amor que o Menino Jesus nos trouxe, de tal maneira que reinasse a unidade entre os seus e todos estivessem novamente reunidos no próximo ano. E acrescentou: *“Eu não estarei mais aqui”*. Era o que ele pressentia no momento e era o que o progressivo agravamento de seu estado de saúde pressagiava. Desejou muito participar da Santa Missa da meia-noite, não obstante o intenso frio que fazia e a força do vento que soprava. Além disso, deveria enfrentar uma longa caminhada de volta. Seus familiares tentaram dissuadi-lo. Mas Ján não se deu por vencido. Preparou-se e foi. Tinha saudades de participar da Eucaristia, sentia falta daquele alimento salutar tantas vezes recebido às escondidas durante sua

detenção. Há muitos anos não participava da Missa na noite do Natal com sua comunidade de origem. E assim o fez, não só na vigília, como também nos dois dias seguintes, 25 e 26 de dezembro.

Depois de um mal-estar mais intenso, na tarde do dia 26, as moléstias de sua saúde pareciam ter-lhe dado uma trégua, motivo pelo qual chegou a comentar com seu pai que gostaria de encontrar um posto de trabalho para poder colaborar com o sustento da família. No dia 27 de dezembro de 1965, Ján tomou um ônibus até a localidade vizinha de Popudiny para consultar seu médico. Em seguida, dirigiu-se a Skalica levando um rádio para ser reparado. Iria depois ao hospital para exames de rotina e, caso necessário, ali se internaria. Se ainda lhe fosse possível, visitaria seu irmão Anton que morava naquela cidade, com o intuito de passar com ele a entrada do ano. Contudo, aquele seria seu último dia de vida terrena. Logo ao chegar à cidade, enquanto caminhava pela rua, precisamente quando se achava diante da casa de um médico, sentiu-se mal e apoiou-se perto de uma lixeira. Notando o estado daquele jovem, o médico se aproximou para socorrê-lo, mas foi em vão. O fraco coração de Ján Havlík já estava cessando de pulsar. O médico o levou para sua casa com a ajuda de um passante, a fim de dar-

lhe os últimos socorros. Ele não conhecia Ján, mas sua esposa, sim. Na condição de enfermeira, ela o tinha encontrado no hospital, em uma de suas muitas internações e guardava a lembrança de sua serenidade e de sua gentileza.

Ján Havlík morreu aos 37 anos, em plena maturidade humana e espiritual, tendo como causa uma grave doença cardíaca desencadeada pelos maus-tratos que lhe foram infligidos e pelas duras condições às quais fora submetido durante seus 11 anos de prisão. E tudo isso por ódio à fé (*in odium fidei*) professada varonilmente por aquele jovem, sem regateios e sem concessões². Era o dia 27 de dezembro,

² Ján Havlík não é o primeiro seminarista da Congregação da Missão a entregar sua vida em *odium fidei*, vítima da injustiça e da violência. Embora não seja oficialmente reconhecido como mártir, o primeiro a fazê-lo foi o seminarista irlandês Thaddeus Lee (1623-1651). Em uma carta de 22 de março de 1652, o próprio São Vicente relata as torturas sofridas por esse jovem até a morte diante de sua própria mãe: “*O pobre Irmão Lee, estando em sua pátria, caiu em poder dos inimigos que lhe esmagaram a cabeça e deceparam os pés e as mãos, na presença de sua mãe*” (SV IV, 393). Nos arquivos da Congregação, consta que Thaddeus Lee nasceu em 1623, em Tuogh, Condado de Limerick. Entrou na Companhia em 21 de outubro de 1643 e emitiu os votos a 7 de outubro de 1645. Ainda estudante, foi enviado a seu país. Seu assassinato ocorreu em 1651, quando as tropas inglesas se apoderaram de Limerick, matando inúmeros cristãos católicos. Como são muito escassos os documentos referentes a este jovem seminarista contemporâneo do fundador, não foi possível introduzir uma causa de canonização. Se isso tivesse acontecido, Thaddeus Lee teria sido o primeiro mártir da Família Vicentina.

feita litúrgica de seu onomástico, São João Evangelista, tradicionalmente identificado com o discípulo amado do quarto evangelho, porque sempre estreitamente unido ao Mestre e Senhor, na dor e na glória, na cruz e na ressurreição (cf. Jo 13,23; 19,25-27; 20,2-9). Ján morreu de pé, a caminho, cheio do mais vivo desejo de permanecer em Cristo para produzir os frutos esperados pelo Pai (cf. Jo 15,4-17), no terreno de uma fidelidade renovada dia após dia.

Foi sepultado no dia 29 de dezembro de 1965, em Dubovce. Houve uma grande afluência de pessoas. Presentes também alguns membros da guarda de segurança nacional. O clima era, portanto, de tensão. Desde então, começa a difundir-se entre os conhecidos aquilo que era evidente: Ján Havlík havia entregado sua vida pela fé que professava, movido por um autêntico amor a Cristo e à sua Igreja, mediante um martírio lento e progressivo, que foi a causa de sua morte prematura. Como disse um de seus companheiros:

“Ján professava abertamente a própria fé diante dos guardas. Por isso, era-lhes antipático e o acusavam de associacionismo. Puniam-no frequentemente, trancando-o em uma cela de

*isolamento. Ján cria no que cria e o
transparecia em seu
comportamento. Ninguém
conseguiu enfraquecê-lo em sua fé”.*

Está claro: a causa de Havlík não era ideológica, assim como sua atuação não era meramente revolucionária. Sua oposição ao regime era uma exigência da fé, uma consequência de sua fidelidade ao Evangelho, de sua pertença à Igreja de Cristo. Seu comportamento era considerado subversivo por ter consolado, sustentado e animado seus companheiros em meio à densa escuridão do cárcere, rezando com eles, dando-lhes conselhos, reavivando-lhes a chama da esperança, apesar de sua ruína física e psicológica. Desse modo, Ján exprimia sua vocação missionária e sacerdotal segundo o carisma caritativo de São Vicente de Paulo. Sua morte foi, portanto, consequência de seu crer e de seu viver. Ao final de seus dias, poderá escrever: *“Estou contente por ter suportado algo por Jesus e por ter defendido a verdade de Deus”*. E a razão de sua doação e, ao mesmo tempo, de sua realização ele mesmo nela dá de forma enfática: *“Estou certo de que ter Deus é o dom maior que podemos ter. Não quero mais nada”*.

O mesmo São Vicente não titubearia em dizer a respeito deste seu jovem Missionário o que disse outrora a respeito dos Missionários que, mediante uma indeclinável opção por Deus, testemunhavam a fé e a caridade com desassombro e perseverança nas mais imprevistas situações a que se viam expostos pela vocação que tinham abraçado:

“Proceder assim é publicar as verdades e máximas do Evangelho de Jesus Cristo, não por palavras, mas pela conformidade de sua vida com a de Jesus Cristo e dar testemunho de sua verdade e de sua santidade aos fiéis e infiéis. Viver e morrer deste modo é, portanto, ser mártir” (SV XI, 180).

Conclusão: o homem de desejos

A tradição bíblica classifica o profeta Daniel como “*vir desideriorum*”, homem de desejos profundos e intensos (cf. Dn 9,23; 10,11.19), nascidos de sua confiança no Senhor, desejos capazes de nutrir sua esperança e encorajar suas buscas e esforços no cumprimento da missão que lhe foi conferida.

E é mesmo assim. Desde sempre, o ser humano é movido pelos desejos que alimenta. Os desejos pertencem à dimensão volitiva, àquela que impele a pessoa a perseguir e a realizar o que sua consciência lhe mostra como sendo oportuno, porque verdadeiro e bom. Quanto mais esclarecida é a consciência, mais forte tende a ser o desejo, assim como quanto mais claro é o horizonte, mais expedito tende a ser o caminho. São Vicente de Paulo reconhecia essa dinâmica na prática diária da meditação, recordando que “*a vontade segue a luz do entendimento e se inclina para o que se lhe propõe como bom e desejável*” (SV XI, 406). Para

tanto, a consciência precisa nutrir-se de princípios, incorporar valores, deixar-se iluminar por ideais elevados, submeter-se ao crivo do discernimento. Neste sentido, quanto mais reta e lúcida for a consciência, mais sinceros serão os desejos por ela despertados, purificados e orientados. Certo é que ser humano algum pode viver sem o dinamismo dos desejos. E estes não são autônomos nem absolutos, porque encontram na verdade e no bem seu fundamento e sua finalidade.

O desejo mais sublime que o coração humano pode hospedar é o desejo da plenitude, do absoluto a quem a fé nos permite chamar Deus. A Sagrada Escritura e a tradição cristã traduziram de muitas formas esse anelo oceânico que palpita em nós. Que o diga o salmo 63,2: *“A minha alma tem sede de vós, minha carne também vos deseja, como terra sedenta e sem água, ó meu Deus”*. Ao comentar o salmo 148, Santo Agostinho assevera que é o desejo de Deus que dá sentido ao nosso existir e acalenta nossa esperança: *“É bom perseverar no desejo, até que a promessa se realize; então, acabará o gemido e permanecerá somente o louvor”*. São Vicente estimula as Filhas da Caridade a cultivarem um ardente desejo de Deus, posto que, na realidade, nosso desejo de Deus é tão somente uma resposta ao desejo de Deus por nós: *“É preciso*

desejá-lo ardentemente, ardentemente, pois Deus não quer ser desejado friamente nem tibiamente, mas com toda força e todo ardor da vontade tal como ele próprio deseja comunicar-se a vós” (SV IX, 336). Em uma conferência aos Missionários, o mesmo Vicente deixará transbordar de seu coração estas palavras repletas do viço de sua mística: *“Ó Salvador, sabeis o que meu coração quer dizer; ele se dirige a vós, fonte de misericórdia; vede seus desejos que não tendem senão a vós, não aspiram outra coisa senão a vós, não querem senão a vós*” (SV XI, 222).

É, pois, da confluência deste desejo de Deus por nós e de nosso desejo por ele que brota o desejo de conhecer e realizar sua vontade, de abraçar a vocação com que ele nos presenteia e de ser-lhe fiéis até o fim. Trata-se, pois, do desejo da santidade, *“o desejo de uma grande perfeição*” (SV IX, 38). Recomenda o fundador às Irmãs: *“Dizei todas em vossos corações: ‘Sim, meu Deus, de todo meu coração, desejo e quero ser verdadeira Filha da Caridade, mediante vossas santas graças’. É assim que se fazem os atos interiores, como também os de fé, esperança e caridade*” (SV IX, 15). Tal como uma chama que se vai propagando, um desejo acende o outro e assim sucessivamente. Com efeito, é próprio do desejo de Deus afervorar o coração de quem crê, espera e ama, abarcando todo seu viver e

tornando-o sempre mais receptivo aos dons do Alto. Em seu *Tratado do Amor de Deus*, São Francisco de Sales sublinha que “o desejo de obter o amor divino faz-nos crer, o amor obtido faz-nos contemplar”. E São Vicente completaria, afirmando que “o primeiro e mais seguro meio de adquirir este amor é pedi-lo a Deus, com grande desejo de obtê-lo” (SV IX, 20). É, portanto, da estrutura mesma do desejo dilatar o coração, suscitar disposições e encorajar os passos na direção da meta desejada. Não foi, pois, sem motivo que o inquieto Agostinho afirmou que desejar é já pregar o que se espera:

“Toda a vida do cristão é um santo desejo. Deus, ao fazer esperar, alarga o desejo. Ao fazer desejar, alarga a alma. Ao alargar a alma, ele a torna capaz de receber. Se desejas ver a Deus, já tens fé!” (Tratado sobre a Primeira Carta de São João, 4, 6).

Por que este *elogio ao desejo* ao final deste breve perfil de Ján Havlík? Porque também ele se revela como um “*vir desideriorum*”, à semelhança do profeta Daniel. Um olhar meramente humano nos levaria a dizer que a vida de Havlík foi um completo fracasso, porque seus mais ardentes desejos não puderam se

realizar. Bem outra, porém, é a visão que se pode ter de sua trajetória. Com efeito, como escreveu Viktor Frankl, depois de sua aterradora experiência em quatro campos de concentração nazistas: *“A última das liberdades humanas é a de escolher como viver o que nos toca viver”*. Neste sentido, não cabe a menor dúvida de que Havlík foi um homem verdadeiramente livre, cujos desejos estavam ordenados não ao êxito ou à mera satisfação pessoal, mas sim à fidelidade ao Bem maior, do qual procedem todos os verdadeiros bens da vida.

As declarações de Ján e os testemunhos daqueles que o conheceram testificam seu desejo sincero e apaixonado de corresponder ao dom da vocação missionária e presbiteral, na linha traçada pelo carisma vicentino, como membro da Congregação da Missão. Para isso, deixou o convívio familiar, cursou a Escola Apostólica, realizou o Seminário Interno e iniciou os estudos acadêmicos de forma clandestina, aceitando correr todos os riscos que essa decisão levava consigo. Seu companheiro de seminário e de cárcere, Padre Anton Srholec, escreveu:

“Estou convencido de que sua causa e perseguição tinham uma base exclusivamente religiosa. Ján, de

fato, desejava tornar-se sacerdote, viver como um bom membro da Congregação. Naquela época de perseguição religiosa, essas intenções eram caracterizadas como delitos políticos. Os comunistas consideravam a religião como expressão do funcionalismo da Igreja, ou seja, na visão deles, os padres tinham como objetivo crescer em sua carreira e em suas funções. Por outro lado, eles a viam como algo apenas para velhinhas destinadas a encerrar suas vidas com essa convicção. Ján Havlík, em sua juventude e com sua inflexível profissão de fé, representava uma verdadeira provocação para os comunistas. Chocava-se com a ideia que eles tinham de religião”.

De fato, os companheiros de Ján o descrevem como um homem nitidamente identificado com sua vocação, a ponto de trazer já delineado em si os traços do que desejava ser, em resposta ao chamado do Senhor: missionário vicentino e presbítero. E tal apreço pela vocação transparecia em suas virtudes, em seu espírito de fé, em sua retidão e generosidade, em sua bondade para com todos, em sua austeridade de

vida. Poderíamos dizer, servindo-nos das palavras do apóstolo, que também a Havlík o Senhor concedeu *“tudo o que contribui para a vida e a piedade, mediante o conhecimento daquele que, por sua própria glória e virtude, nos chamou”*. Por isso, foi-lhe dado *“juntar à fé a virtude, à virtude o conhecimento, ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a perseverança, à perseverança a piedade, à piedade o amor fraterno e ao amor fraterno, a caridade”* (2Pd 1,3.5-6).

Era o Espírito de Deus que ia trabalhando no interior daquele jovem, tecendo a trama da existência de Ján com os fios de sua graça, modelando seus desejos segundo o coração de Cristo, a ponto de torná-lo apto a dizer com a verdade de sua vida: *“Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? (...) Mas em tudo isso somos mais do que vencedores, graças àquele que nos amou”* (Rm 8,35.37). As palavras de Havlík não deixam margem à dúvida, no penúltimo ano de sua peregrinação terrena:

“Viver na presença do Senhor. Isso não é apenas uma grande alegria, mas também um dom. Quem seria capaz de fazer isso? Certamente,

ninguém. Isso só é possível com a ajuda Daquele que nos dá força, em quem nos movemos e existimos. Por favor, lembre-se de mim, para que eu possa sempre ser um digno filho de Deus, cheio de paciência e disposição no cumprimento da vontade de Deus”.

Desse modo, os ardentes desejos dos primeiros anos, orientados por uma consciência iluminada pela fé, foram se ampliando sempre mais e, encharcados de invencível fortaleza e evangélica caridade, convergiram na direção de uma crescente conformidade com Jesus Cristo, o Senhor, o Mestre, o Amigo de todas as horas. Então, os desejos de Havlík se converteram em um só: viver e morrer por Cristo, com Cristo e em Cristo, no dom total de si mesmo pelo bem e pela salvação de seus irmãos: *“Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas, se morrer, produzirá muito fruto”* (Jo 12,24). Este foi o diadema que cingiu os mais ardentes desejos do coração de Ján Havlík e que constituiu a razão de seu viver no tempo e na eternidade. *“Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”* (1Jo 5,4). E é por isso que hoje nós o proclamamos mártir e bem-aventurado.

Para refletir e compartilhar:

1. Procuo cultivar uma consciência reta, iluminada pela fé, capaz de educar meus desejos e orientá-los na direção do que é verdadeiro, bom e belo, segundo a vontade de Deus?
 2. A força do desejo me impulsiona à perseverança no bem, em minhas buscas mais sinceras e na fidelidade à vocação, inclusive em meio às adversidades e provas?
 3. Alimento desejos nobres e audazes que me ajudam a ser melhor: mais profundo na vida espiritual, mais criativo no cumprimento de meus deveres, mais generoso na missão, mais fraterno nas relações etc.?
-

